

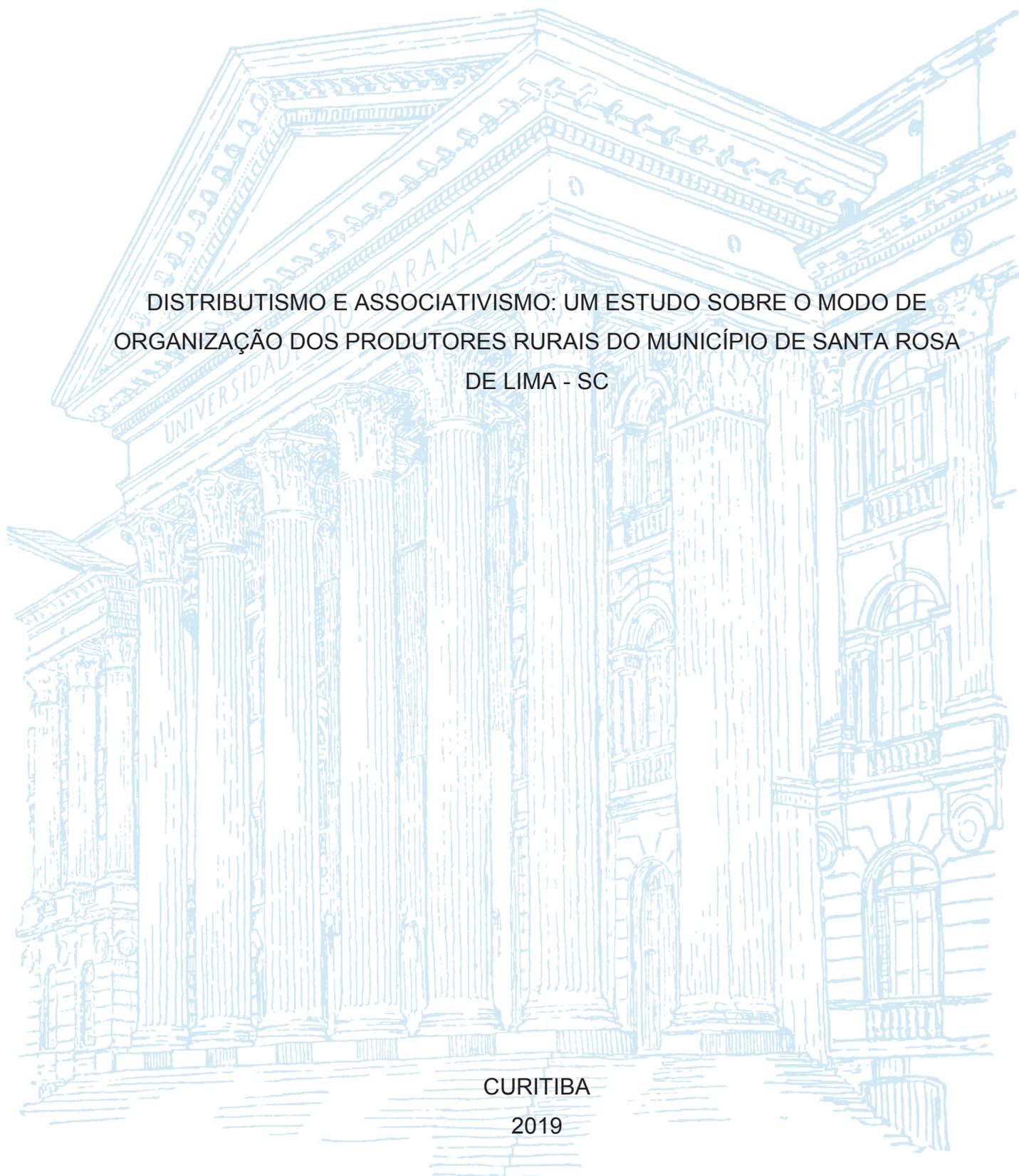
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCAS DUARTE

DISTRIBUTISMO E ASSOCIATIVISMO: UM ESTUDO SOBRE O MODO DE ORGANIZAÇÃO DOS PRODUTORES RURAIS DO MUNICÍPIO DE SANTA ROSA DE LIMA - SC

CURITIBA

2019



LUCAS DUARTE

DISTRIBUTISMO E ASSOCIATIVISMO: UM ESTUDO SOBRE O MODO DE
ORGANIZAÇÃO DOS PRODUTORES RURAIS DO MUNICÍPIO DE SANTA ROSA
DE LIMA - SC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em MBA em Gestão do Agronegócio, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Agronegócio

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Amorim Monteiro

CURITIBA

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, como guia, fonte de inspiração e força.

A toda a minha família, principalmente meus pais Antonio Jacir Duarte (*in memoriam*) e Analise Duarte, pela educação, valores, sustentação e apoio durante a minha vida.

À Universidade Federal do Paraná pela oportunidade de ser aluno desta grande instituição e tê-la como parte da minha formação.

Ao professor Alexandre Amorim Monteiro pela orientação e contribuição para este trabalho.

A todos os professores do curso MBA em Gestão do Agronegócio pelo conhecimento passado durante este período de curso e que me proporcionaram um grande aprendizado.

Aos colegas de curso que mesmo com a distância não faltou companheirismo e convivência durante este período.

Aos amigos Maria Teresa Martin, José Desa e Isabel Flores pelo apoio dado durante a realização deste curso.

Às engenheiras agrônomas Lucilene Assing e Karine Heidemann pela ajuda que deram com informações de Santa Rosa de Lima e suas associações.

“Similarmente, o primeiro fato na discussão sobre a possibilidade de pequenas propriedades é o fato de que elas já existem. É um fato igualmente óbvio que elas não apenas existem, mas duram”.

(G. K. Chesterton, 1926)

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar os fundamentos do Distributismo, teoria econômica surgida no início do século XX na Inglaterra, e da ação coletiva do Associativismo. Através da revisão bibliográfica, o presente trabalho demonstra um breve histórico e os principais pontos defendidos pelo Distributismo e pelo Associativismo, e posteriormente, se há uma relação entre estes dois modelos. Tendo a fundamentação teórica, o presente trabalho procura apontar elementos distributistas e associativistas sendo aplicados na prática. Para isto, é analisado o modo de organização dos pequenos produtores rurais no município catarinense de Santa Rosa de Lima. Através dos métodos do estudo de caso e revisão bibliográfica foram analisadas duas associações sediadas neste município, a AGRECO (Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral) e Acolhida na Colônia (Associação de Agroturismo Ecológico). Os princípios do Distributismo e do Associativismo atuando de forma conjunta ou isolada, têm aplicabilidade prática e é uma realidade no meio rural, contribuindo para a sustentabilidade da atividade e melhoria da qualidade de vida dos pequenos produtores rurais e desenvolvimento local.

Palavras-chave: Distributismo. Associativismo. Chesterton. Pequena Propriedade. Santa Rosa de Lima.

ABSTRACT

This research presents the fundamentals of Distributism, economic theory that emerged in the early twentieth century in England, and the collective action of Associativism. Through the bibliographic review, this study shows a brief history and the main points defended by Distributism and Associativism, and later, if there is a relation between these two models. Having the theoretical foundation, this research seeks to point out elements of Distributism and Associativism being applied in practice. For this, the present study analyze the mode of organization of small farmers in Santa Rosa de Lima, town in state of Santa Catarina. Through the case study and bibliographic review methods, two associations based in this town were analyzed: AGRECO (Association of Ecological Farmers of the Encostas da Serra Geral) and Acolhida na Colônia (Association of Ecological Agrotourism). The principles of Distributism and Associativism acting together or in isolation, have practical applicability and are a reality in rural areas, contributing to the sustainability of the activity and improving the quality of life of small farmers and local development.

Keywords: Distributism. Associativism. Chesterton. Small Property. Santa Rosa de Lima.

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

- AGRECO - Associação de Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral
- BRDE - Banco Regional do Desenvolvimento do Extremo Sul
- CEPAGRO - Centro de Estudos e Promoção da Agricultura em Grupo
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- UFMS - Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	JUSTIFICATIVA.....	9
1.2	OBJETIVOS	9
1.2.1	Objetivo geral	9
1.2.2	Objetivos específicos.....	9
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	11
2.1	DISTRIBUTISMO.....	11
2.2	ASSOCIATIVISMO.....	17
3	MATERIAL E MÉTODOS.....	21
3.1	ÁREA DE ESTUDO.....	22
3.2	AS ASSOCIAÇÕES AGRECO E ACOLHIDA NA COLÔNIA	25
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
5	CONCLUSÃO.....	32
	REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

No cenário econômico atual, grandes organizações (seja de origem nacional ou multinacional), oligopólios e até monopólios dominam o mercado em diversos setores. Dentro deste contexto, encontram-se os pequenos proprietários com seus negócios, inseridos num mercado altamente competitivo. Sem forças para poder competir com um concorrente de tamanho muito maior, acontece muitas vezes do pequeno proprietário abandonar a sua atividade ou ter o seu negócio absorvido por alguma grande empresa. O grande contraste entre pequenos negócios e grandes corporações pode ter como consequência uma alta concentração de mercado e um desequilíbrio econômico e social.

Tendo este cenário, o presente trabalho tem como proposta apresentar a teoria econômica do Distributismo, que surgiu no início do século XX na Inglaterra, tendo como expoentes principais os pensadores Gilbert Keith Chesterton e Hilaire Belloc. Fugindo um pouco de um debate polarizado entre capitalismo liberal x socialismo, os distributistas se destacam na crítica de ambos os sistemas e na defesa da pequena propriedade, no incentivo aos pequenos produtores e dos pequenos negócios. O presente trabalho apresenta um breve histórico e os princípios fundamentais do Distributismo.

O presente trabalho também trata do Associativismo, ação coletiva onde indivíduos se associam em busca de um benefício em comum. Assim como o Cooperativismo, o Associativismo é um modo de organização muito utilizado por pequenos produtores rurais no interior do país. Sobre este tema, são apresentados conceitos, propostas e princípios associativistas. É tratado também sobre os pontos de convergência entre Associativismo e o Distributismo.

Baseando-se no referencial teórico, o presente trabalho busca apresentar a teoria sendo aplicada na prática através do estudo do modo de organização dos pequenos produtores rurais do município catarinense de Santa Rosa de Lima. Para isto, é feito um contexto do município e um estudo do caso de duas associações locais: a AGRECO (Associação de Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral) e Acolhida na Colônia (Associação de Agroturismo Ecológico). No estudo destas duas associações, a proposta do presente trabalho é de apresentar elementos do Distributismo e do Associativismo sendo aplicadas na realidade prática.

Em suma, a proposta deste trabalho é de apresentar os princípios do Distributismo e do Associativismo e a aplicação prática das ideias de ambos os modelos, através do estudo do caso das associações de pequenos produtores rurais do município de Santa Rosa de Lima.

1.1 JUSTIFICATIVA

Tendo em vista o cenário econômico onde os pequenos e os grandes atores estão juntos inseridos num mesmo mercado de alta competição, o presente trabalho busca apresentar ideias visando a perseverança dos pequenos proprietários (especificamente os pequenos produtores rurais) em suas atividades e a sua manutenção no mercado e do seu modo de vida. Para isto, a ideia central do trabalho é apresentar elementos do Distributismo, teoria econômica surgida na Inglaterra no início do século XX e que visa a defesa dos pequenos produtores; e do Associativismo, como uma ação coletiva de pequenos produtores buscando atender uma necessidade em comum. Baseado nos fundamentos teóricos, o trabalho apresenta um exemplo prático de organização de pequenos produtores rurais no interior de Santa Catarina como uma forma de identificar as ideias da teoria sendo aplicadas na prática, e que pode servir como modelo para uma reflexão e contribuição para o contexto em que se encontram os pequenos produtores.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

O presente trabalho tem por objetivo analisar e apresentar aspectos da teoria econômica do Distributismo e da ação coletiva do Associativismo, além de identificar a relação entre estes dois modelos. A partir da teoria, demonstrar uma experiência prática com a adoção de propostas do Distributismo e do Associativismo através da análise do modelo de organização dos pequenos produtores rurais no município catarinense de Santa Rosa de Lima.

1.2.2 Objetivos específicos

- Apresentar uma fundamentação teórica do Distributismo e do Associativismo, abordando os seus conceitos, autores de referência, principais aspectos e propostas.

- Estabelecer um paralelo entre o Distributismo e o Associativismo, verificando a relação entre os dois sistemas.

- Procurar aplicabilidade prática das ideias do Distributismo e Associativismo analisando o modelo de organização dos pequenos produtores rurais do município de Santa Rosa de Lima – SC.

- Estudar o caso das associações de pequenos produtores rurais AGRECO e Acolhida na Colônia.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 DISTRIBUTISMO

O Distributismo (também conhecido como Distributivismo) é uma teoria sócio-econômica originada na Inglaterra no início do século XX, tendo como seus principais pensadores os britânicos Gilbert Keith Chesterton e Hilaire Belloc. Segundo Castaño (2005), as primeiras ideias do Distributismo surgiram no final de 1907 e início de 1908 no debate promovido pela revista *New Age*, onde a dupla Chesterton e Belloc (dupla esta que passou a ser conhecida como *Chesterbelloc*) debateu com Georg Bernard Shaw e H.G.Wells sobre capitalismo, socialismo e distribuição da propriedade.

Em 1910, Chesterton escreveu a primeira obra considerada com ideias distributistas, o livro *What is wrong with the world* (O Que Há de Errado com o Mundo). O termo Distributismo apareceu pela primeira vez em 1913 no livro *The Servile State* (O Estado Servil) de autoria de Belloc. As ideias distributistas também foram propagadas pelo *The Eye-Witness*, jornal fundado em 1911 por Hilaire Belloc e Cecil Chesterton (irmão de Gilbert Keith) e que durou até 1923. Em 1925, G. K. Chesterton refundou o jornal com o nome de *G.K.'s Weekly*, contando com mais autores distributistas sob a liderança de Chesterton e Belloc (CASTAÑO, 2005).

De acordo com Battisti (2016, p. 39) o semanário *G.K.'s Weekly* foi “o principal veículo de aprofundamento e divulgação das ideias distributistas”. Outro marco foi a criação da Liga Distributista em 1926, cujo objetivo conforme Nascimento (2016) era a obtenção de recursos para manter a *G.K.'s Weekly*. Chesterton foi eleito o primeiro presidente da Liga e ocupou o cargo até o seu falecimento. A atividade principal da Liga era promover debates e chegou a ter 2 mil membros em 1928 (BATTISTI, 2016). Outras obras importantes que propagaram as ideias do Distributismo foram publicadas neste período, como *The Outline of Sanity* (Um Esboço da Sanidade – Pequeno Manual do Distributismo) de G. K. Chesterton, lançado em 1927, e *An Essay on the Restoration of Property* (sem publicação no Brasil) de Hilaire Belloc, publicado em 1936.

O Distributismo é fortemente influenciado pela *Rerum Novarum*, encíclica publicada pelo Papa Leão XIII em 1891 onde trata das condições da classe

trabalhadora e que serviu de base para a formulação da Doutrina Social da Igreja (DSI). Como afirma Castaño:

O Distributismo surge como resposta aplicada aos princípios da doutrina social da Igreja, que especialmente a partir da encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII em 1891, pediu aos católicos que desenvolvessem formulações concretas para os princípios gerais de natureza social que estavam sendo postulados nas mesmas. (CASTAÑO, 2005, p. 31).

Em comemoração aos 40 anos desta carta, o Papa Pio XI publica a encíclica *Quadragesimo Anno* em 1931. Nesta encíclica é descrito o ambiente em que foi lançada a *Rerum Novarum*:

Com efeito ao fim do século XIX, em consequência de um novo gênero de economia, que se ia formando, e dos grandes progressos da indústria em muitas nações, aparecia a sociedade cada vez mais dividida em duas classes: das quais uma, pequena em número, gozava de quase todas as comodidades que as invenções modernas fornecem em abundância; ao passo que a outra, composta de uma multidão imensa de operários, a gemer na mais calamitosa miséria, debalde se esforçava por sair da penúria, em que se debatia. (PIO XI, 1931, p. 02).

Castaño destaca o ambiente da Inglaterra no início do século XX:

Estava cunhada e instalada nas mentes do cidadão médio a ideia de que o espectro ideológico da época estava polarizado por duas grandes utopias: a da liberdade, emblema do capitalismo, e da igualdade, defendida pelo socialismo. Por outro lado, a Inglaterra era o país da liberdade. Assim ao menos pensavam os ingleses. (CASTAÑO, 2005, p. 37)

É neste contexto que surge o Distributismo. Os distributistas criticam tanto o capitalismo quanto o socialismo, conforme Battisti (2016, p.39), “ambos os sistemas têm os mesmos problemas, sendo o maior deles a concentração da propriedade”. Alguns autores consideram o Distributismo como uma “terceira via”, sendo uma alternativa ao capitalismo e socialismo (DE LEÓN, 2010; CASTAÑO, 2005). Os primeiros distributistas criticavam mais o capitalismo, porque “é o que se tem imposto no horizonte social, frente ao socialismo que praticamente ainda não tinha vigência própria.” (CASTAÑO, 2005, p. 33). Também se deve levar em consideração o fato do ambiente em que eles se encontravam, como ressalta Castaño (2005, p. 98), “Eles são ingleses, e escrevem fundamentalmente sobre a situação que conhecem na Inglaterra”. Sobre este tema, Corção (1955, p. 253) afirma que o Distributismo defendido por Chesterton “combatia o capitalismo pelo que esse

regime tem de semelhante ao socialismo no que se refere ao direito de propriedade e à dignidade humana”. De acordo com Albuquerque (2019, p. 72), “As obras de Chesterton e Belloc se assentam numa concepção de ordem moral que rompe com a visão racionalista e economicista do capitalismo e do socialismo”.

Quando Chesterton utiliza o termo capitalismo, se refere ao seguinte significado:

Aquela condição econômica na qual há uma pequena classe de capitalistas, dificilmente reconhecível e relativamente pequena, em cuja posse tanto do capital está concentrado de modo a forçar a vasta maioria de cidadãos a servi-lo por um salário. (CHESTERTON, 1926, p. 09)

Chesterton considera que o que se conhece por capitalismo deveria ser chamado de proletarianismo. Para ele, “o ponto disso não é que algumas pessoas possuem capital, mas sim que a maioria das pessoas tem salários simplesmente por não possuírem capital.” (CHESTERTON, 1926, p.10). Belloc (1913) definiu proletário como um homem politicamente livre, mas que não é detentor de um meio de produção. Sobre a crítica de Belloc, Nascimento (2016, p. 07) comenta que “o indivíduo livre, que oferece seu trabalho em troca de parte dos lucros, recebe o nome de proletário. Esse tipo de relação entre possuidores dos meios de produção e proletários caracteriza a sociedade capitalista”.

Os distributistas também criticam o socialismo. Em 1908, Chesterton escreve um artigo para a revista *The New Age* intitulada “*Why I am not a Socialist*”, onde afirma que “Se os socialistas fizerem a Revolução, ela será marcada por todas as coisas que a democracia detesta e eu detesto”. Belloc (1913) afirma que tentar o coletivismo ou socialismo como uma forma de remédio para os males do Estado Coletivista não estaria caminhando em direção ao Estado Coletivista, e sim para um Estado Servil. Para Corção (1955, p. 261), “A relação entre o socialismo comunista e o capitalismo pode ser comparada a um acorde de sétima em música. A proximidade gera a dissonância; o quase produz a máxima exasperação”. Albuquerque (2019, p. 68), afirma que “O Distributismo não defende formas coletivistas de propriedade nem práticas ludistas. O Distributismo ideal chestertoniano está fundado no pleno respeito às vontades individuais”. Chesterton (1910) ressalta sua discordância com os socialistas, criticando a ideia de concentrar

a propriedade ainda mais no Estado. Defende a desconcentração da propriedade e elogia um caso adotado na Irlanda.

O binômio liberdade-propriedade são pontos centrais no Distributismo, tanto que o slogan da Liga Distributista era “A Liga para a restauração da liberdade por meio da distribuição da propriedade.” (CASTAÑO, 2005). Conforme Nascimento (2016, p. 08), “Sob a ótica distributista o homem só se tornaria efetivamente livre à medida que possuísse os meios para que pudesse sustentar de forma digna a si e aos seus”. Albuquerque (2019) destaca a liberdade como sendo um suporte para a doutrina distributista, ligando uma teoria social e econômica com a autonomia e soberania individuais. Para o Distributismo, a liberdade do homem é um fundamento central, que implica em reconhecê-lo com um fim e não como um meio, “qualquer subordinação ou coisificação do mesmo o impede de viver livre e desenvolver-se conforme a natureza que o corresponde.” (CASTAÑO, 2005, p. 41). Para os distributistas, a liberdade é um fim, e o meio para chegar a este fim é a restauração da propriedade, “Se a autêntica liberdade pessoal era o objetivo distributista, certa autonomia econômica era o meio pelo qual se alcançaria esse objetivo.” (NASCIMENTO, 2016, p. 06). Conforme Chesterton (1926, p. 22), “Um homem sem posses é um homem destituído de poder e em permanente dependência”. Em um editorial da revista *G.K.'s Weekly*, resume este ponto fundamental do Distributismo:

As duas coisas que nós pregamos são a liberdade, como fim, e a restauração da propriedade, como meio. Sustentamos que o homem despojado da propriedade privada, incluindo os meios de produção, não tem sustento seguro na liberdade, e que uma nação onde a propriedade privada não é a norma, o proletário é, de direito, um escravo. (*G.K.'s Weekly*, 1927 apud Castaño, 2005, p. 37).

O Distributismo tem três pontos básicos: Propriedade Privada, Princípio da Subsidiariedade e Princípio da Solidariedade. Conforme Battisti (2016), estes pontos são três fundamentos presentes na Doutrina Social da Igreja, que teve como base a encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII. Pode-se afirmar que os autores distributistas têm uma base teórica fundamentada na Doutrina Social da Igreja e nos escritos dos filósofos escolásticos, como Santo Tomás de Aquino, sobre o tema propriedade (CASTAÑO, 2005).

A propriedade privada como foi demonstrado, é um ponto fundamental para o Distributismo, visto que os distributistas defendem a propriedade como um meio

para alcançar a liberdade. A proposta é ter muitos pequenos produtores ao invés de ter um ou poucos grandes produtores, que cada família seja dona de seu lar e do seu meio de produção (DE LEÓN, 2010). Segundo Battisti (2016, p. 40), “para Chesterton a propriedade era sagrada. Defendia que a propriedade privada deveria ser distribuída com suficiente e decente igualdade”. O trabalho é visto como algo que seja capaz de realizar o espírito humano, ser um fim em si mesmo e não um meio para produzir algo frio e inerte que não levará a marca de quem produziu. Esta concepção de trabalho é praticamente impossível em trabalhos monótonos nas grandes fábricas e escritórios, porém, sendo o trabalhador o seu próprio chefe, terá interesse maior pelo seu bem estar, seja material, mental e espiritual. E tendo um grande número de produtores dos mesmos bens e serviços, o mercado estará mais competitivo e evita monopólios e situações econômicas injustas (DE LEÓN, 2010). Castaño (2005) ressalta que mesmo com a defesa da propriedade privada, não encontramos nos pensadores distributistas um tratamento sistemático de suas ideias, não há definições dogmáticas ou abordagens na forma de um tratado de moral econômica, e completa:

Assim, veremos que tanto Chesterton como Belloc, sem pretender abordar uma doutrina elaborada e sistemática sobre a propriedade, desenvolvem nuances verdadeiramente originais que partem da sua concepção da pessoa, da família e da sociedade. (CASTAÑO, 2005, p. 111).

Outro ponto básico do Distributismo é o Princípio da Subsidiariedade. Este princípio pode ser resumido como “o que pode fazer uma entidade pequena, não faça uma grande”. O indivíduo é a entidade menor, portanto, aquilo um indivíduo pode fazer, não faça grandes empresas (DE LEÓN, 2010; BATTISTI, 2016). O Princípio da Subsidiariedade conforme Ribeiro, Carvalho e Oreiro (2019, p. 716), “deve, portanto, reconhecer o papel insubstituível da iniciativa privada e das organizações da sociedade civil, rejeitando os exageros do liberalismo, de um lado, e do dirigismo e da planificação estatal, do outro”. Para Corção (1955, p. 269), a regra para qualquer negócio humano é “quanto mais próximo estiver o seu tamanho do tamanho do homem, mais adequado é esse tamanho e mais perfeita é a forma”. A família tem um papel central no ideal distributista, conforme Albuquerque (2019, p. 63), “o distributismo espera (re)alçar a família à condição de núcleo das relações sociais, sobretudo a partir da reconfiguração do porte e funcionalidade das unidades

de produção”. A defesa dos distributistas para que associações livres de âmbito local assumam funções concretas na ordem econômica e pública como um modo de frear a tendência centralizadora do Estado, pode ser considerada uma defesa ao Princípio da Subsidiariedade (ALBUQUERQUE, 2019). De acordo com Battisti (2016) e De León (2010), o Princípio da Subsidiariedade deve reger tanto na área econômica quanto na área política.

O Distributismo também segue o Princípio da Solidariedade. O princípio não é propriamente um sentimento de caridade, mas uma mudança de mentalidade, onde o trabalho deve buscar o bem comum antes do lucro pessoal (DE LEÓN, 2010). Segundo Battisti (2016, p. 40), “O importante é trabalhar para e pelo bem comum, ou seja, tomar aquelas medidas que promovam a virtude entre as pessoas e dessa maneira a felicidade”. O bem comum não se restringe somente ao campo material, e sim no campo moral (RIBEIRO; CARVALHO; OREIRO, 2019).

Alguns pontos práticos que o Distributismo defende: pequenas corporações locais, associações de pequenos comerciantes, cooperativas, (CASTAÑO, 2005; ALBUQUERQUE, 2019). Defende a pequena propriedade rural e a cooperação entre os pequenos produtores rurais na gestão de determinados implementos, máquinas agrícolas e na comercialização de seus produtos (ALBUQUERQUE, 2019). Battisti (2016, p. 42), destaca a ênfase de Chesterton em incentivar “uma maior quantidade de pequenas e médias propriedades, impulsionando também a ampliação do trabalho artesanal, a regionalização produtiva e a recuperação das relações de confiança”. Também aponta que as principais características do Distributismo estão centradas no “estímulo à empresa familiar, ao sistema de proteção social baseado na auto-organização (não na dependência do Estado) e no denominado amor ao ‘homem comum’” (BATTISTI, 2016, p. 41). A defesa das associações é uma pauta recorrente entre os distributistas:

Estímulo às associações voluntárias de trabalhadores autônomos na forma de guildas e cooperativas em setores da economia urbana que abarcam transportes, comércio atacadista, prestação de serviços especializados, produção artesanal e pequena produção industrial; onde os trabalhadores de cada associação teriam a gestão compartilhada dos negócios e do lucro e seu próprio regime. (CHESTERTON, 1926 apud ALBUQUERQUE, 2019, p. 70).

Em suma, o Distributismo defende uma economia que tenha uma maior “quantidade de agricultores independentes, pequenas empresas dotadas de

autogestão, famílias com mais autossuficiência, redes de distribuição e consumo organizadas localmente” (BATTISTI, 2016, p. 40). O presente trabalho procurou focar no Distributismo de Chesterton e Belloc, porém, as ideias defendidas pelos distributistas também podem ser vistas na Doutrina Social da Igreja (DSI) e no pensamento do economista Ernst Friedrich Schumacher, autor da célebre obra *Small Is Beautiful* (publicado no Brasil como *O negócio é ser pequeno*).

2.2 ASSOCIATIVISMO

O ser humano desde os primórdios é um ser que vive em grupos, nossos ancestrais se organizavam coletivamente como o objetivo de sobrevivência diante dos desafios da natureza (ALVES et al., 2017). Os motivos que fazem os indivíduos cooperarem em busca de um objetivo em comum é o que a Teoria de Ações Coletivas procura entender, teoria cujo principal expoente é o economista e cientista Marcur Olson (CAMPOS; LAGO, 2016). Conforme Tierling e Schmidt (2017, p. 5) “o termo ação coletiva remete ao entendimento de uma atuação grupal ou ainda um ato cometido ou provocado por duas ou mais pessoas”. De acordo com Olson (1999 apud Campos; Largo, 2016, p. 63), “as pessoas se unem em grupos e formam uma organização porque a mesma promoverá seus interesses comuns”. As ações coletivas podem se configurar em diferentes formatos de organizações e de interesses, e também atividades comerciais como vendas, compras e serviços (SACHS, 2003 apud CAMPOS; LAGO, 2016). Dentre os modos de ação coletiva no meio rural, as associações e as cooperativas se apresentam como uma forma estruturada para resolver as necessidades de seus integrantes:

A partir da prerrogativa de que a cooperação entre os indivíduos otimiza tarefas e resultados econômicos e sociais, comumente produtores rurais têm se organizado na forma de cooperativas e associações, além de redes, clusters, fundações, dentre outras. (TIERLING; SCHMIDT, 2017, p. 5).

Ações espontâneas que promovem a cooperação das pessoas são comuns no meio rural, além de propiciarem práticas de ajuda recíproca, convivência e integração social, representam também uma segurança mútua em situações de dificuldade (TIERLING; SCHMIDT, 2017).

No presente trabalho, o Associativismo foi escolhido como o modo de ação coletiva a ser estudado. Associação é definida como “uma pessoa jurídica, devidamente registrada em cartório e constituída livremente pela união de pessoas” (UFSM, 2015, p. 5). O Associativismo é definido por Gouvêa (2004 apud CASTRO JÚNIOR, 2017, p. 21) como “qualquer iniciativa formal ou informal que reúne um grupo de indivíduos ou empresas com principal objetivo de superar dificuldades, gerar benefícios comuns em nível econômico, social, político, cultural, entre outros”. Para Mançano (2007, p. 19), o Associativismo pode ser entendido como “o ato de se associar, agregar, juntar, unir forças para um fim comum”; e complementa:

Numa definição ampla, o associativismo é qualquer iniciativa formal ou informal, que reúne um grupo de empresas ou pessoas, com o objetivo principal de superar dificuldades e gerar benefícios econômicos, sociais ou políticos. (MANÇANO, 2007, p. 19).

O surgimento do Associativismo se dá através da união dos esforços de indivíduos com a finalidade de buscar objetivos em comum proporcionando benefícios para os seus associados (ALVES; TEXEIRA; PEREIRA, 2017). Esta união busca a melhoria de vida do grupo e da comunidade, através da participação, solidariedade e cooperação em torno de objetivos comuns (UFSM, 2015). Conforme Moura (2009 apud ALVES; TEIXEIRA; PEREIRA, 2017, p. 3) “o Associativismo teve origem no espírito humano de congregação, na vontade do homem de ser solidário e de poder, ao mesmo tempo, pertencer a uma organização que sirva de intermediária entre o indivíduo e a sociedade”.

De acordo com UFSM (2015, p. 8), o Associativismo possui algumas características como: 1) Forma-se pela união de duas ou mais pessoas físicas ou jurídicas com objetivos comuns. 2) Não possui finalidade lucrativa. 3) O patrimônio é constituído pela contribuição dos associados, por doações, por subvenções, etc. 4) Não há distribuição de sobras entre os associados. 5) Os fins da associação podem ser alterados livremente em assembleia. 6) Os dirigentes não recebem remuneração. 7) São entidades de direito privado. Os objetivos de uma associação podem ser: 1) Reunir esforços para desenvolver atividades de interesse comum. 2) Fortalecer os laços de solidariedade do grupo. 3) Defender os interesses de todos os associados. 4) Melhorar a qualidade de vida dos associados. 5) Promover o desenvolvimento da região ou comunidade onde a associação está inserida.

Conforme Souza (1996 apud MANÇANO 2007, p. 20) três princípios são fundamentais para viabilizar o Associativismo: 1) A definição apurada e sistemática de interesses comuns. 2) O respeito as limitações e possibilidades de cada um. 3) O aprofundamento e avaliação. Meinen (2014 apud ALVES; TEIXEIRA; PEREIRA, 2017, p. 2) descreve os princípios que devem conduzir os membros de uma associação: 1º Princípio: Adesão voluntária e livre. 2º Princípio: Gestão democrática pelos sócios. 3º Princípio: Participação econômica dos sócios. 4º Princípio: Autonomia e independência. 5º Princípio: Educação, formação e informação. 6º Princípio: cooperação entre associações/cooperativas. 7º Princípio: Interesse pela comunidade.

Os princípios apontados por Meinen são os mesmos princípios que norteiam o Cooperativismo e que servem de base para todas as cooperativas espalhadas pelo mundo. Porém, vale destacar que associativismo e cooperativismo são modalidades diferentes, pois há diferenças na forma jurídica, estrutura e características entre uma associação e uma cooperativa (MANÇANO, 2007). Em suma, a principal diferença é que as cooperativas têm por finalidade atividades de cunho econômico e comercial, enquanto as associações não. As exigências para a criação de uma cooperativa são maiores que de uma associação, sendo que em muitos casos o grupo numa fase inicial de ação coletiva formaliza suas atividades através de uma associação para posteriormente, numa fase mais avançada, partir para a criação de uma cooperativa (UFMS, 2015).

Segundo Castro Júnior (2017, p. 21), “o associativismo pode ser utilizado como instrumento de organização dos trabalhadores no meio rural, atuando de forma significativa para o desenvolvimento sustentável, melhorando a qualidade de vida da população rural”. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (2009, p. 7), conceitua Associação de Produtores Rurais como “um tipo de organização civil, constituída de produtores rurais e suas famílias, com o objetivo de dinamizar o processo produtivo rural desenvolvendo ações em benefício da comunidade por eles constituída”. Muenchen (1996) destaca algumas características deste tipo de associação:

Estas associações se caracterizam pela forma coletiva de organização do seu processo de produção seja na área da produção, de serviços, de comercialização, entre outros. Assim, a associação representa um grupo de famílias que, através da coletivização do seu processo produtivo, busca o

enfrentamento e as soluções para os seus problemas. (MUENCHEN, 1996, p. 10).

O associativismo rural tem sido uma alternativa adotada pelos pequenos produtores na sustentabilidade de suas atividades (ROSONI, 2013). De acordo com Basso (1992 apud MUENCHEN, 1996, p. 8), associação de pequenos produtores rurais pode ser definido como “uma entidade que agrupa um certo número de agricultores, com interesses comuns, tendo como finalidade resolver os seus problemas coletivos, através de práticas solidárias”. Os problemas coletivos podem ser de ordem econômica, política e social (BASSO 1992 apud MUENCHEN, 1996). Duas associações de pequenos produtores rurais do município de Santa Rosa de Lima serão tratadas pelo presente trabalho, a AGRECO (Associação de Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral) e Acolhida na Colônia (Associação de Agroturismo Ecológico).

3 MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa. Na forma de abordagem qualitativa segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 15), “O ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados”. Algumas características deste tipo de pesquisa conforme Ludke e Andre (2013 apud PEREIRA et al., 2018, p. 67) são:

- 1) A pesquisa qualitativa, em geral, ocorre no ambiente natural com coleta direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento;
- 2) Os dados coletados são preferencialmente descritivos;
- 3) A preocupação do processo é predominante em relação à do produto;
- 4) O “significado” que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção para o pesquisador e,
- 5) A análise de dados e informações tende a seguir um processo indutivo.

Quanto aos objetivos, o presente trabalho pode ser enquadrado como exploratório e descritivo. O tipo de pesquisa exploratório conforme Gerhardt e Silveira (2009, p. 35) “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. De acordo com Gil (2007 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009), as pesquisas exploratórias podem ser classificadas como pesquisa bibliográfica e estudo de caso; a maioria destas pesquisas envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. O presente trabalho também pode ser considerado como descritivo, pois de acordo com Triviños (1987 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35), “Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade”. O estudo de caso, análise documental e a pesquisa ex-post-facto são exemplos de pesquisa descritiva (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A pesquisa bibliográfica e o estudo de caso foram os procedimentos adotados pelo presente trabalho. Conforme Cervo (2007 apud ALVES; TEIXEIRA; PEREIRA, 2017, p. 2), “A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses”. Através da fundamentação teórica o presente trabalho buscou estudar os fundamentos do Distributismo e do Associativismo, tendo como base obras e trabalhos sobre estes assuntos. Para analisar o município de Santa Rosa de Lima e as associações AGRECO e Acolhida na Colônia, os principais trabalhos utilizados

foram: BRDE (2004), Gelbcke (2006), Guzzatti (2010) e Prezotto (2010). Também foram consultadas as páginas institucionais do poder público local e das respectivas associações na internet. Para o melhor entendimento do fenômeno estudado, adotou-se também o procedimento do estudo de caso das associações de Santa Rosa de Lima. Segundo Pereira et al. (2018, p. 70), “Nos estudos exploratórios, analíticos ou descritivos, uma forma de investigação muito utilizada é o Estudo de Caso”. O estudo de caso, também conhecido como método monográfico, permite o entendimento de determinados fatos através do caso isolado ou de um pequeno grupo, sendo que o caso estudado em profundidade possa ser representativo de outros casos semelhantes (ARAGÃO; MENDES NETA, 2017). Para uma melhor compreensão do funcionamento das associações AGRECO e Acolhida na Colônia, foram consultados representantes das associações e do município de Santa Rosa de Lima através de uma entrevista despadronizada ou não estruturada, que conforme Aragão e Mendes Neta (2017, p. 35), “consiste em uma conversação informal, que envolve perguntas abertas, proporcionando maior liberdade para o entrevistado”.

A partir dos dados levantados procurou-se analisar um paralelo entre a teoria econômica do Distributismo e a ação coletiva do Associativismo. Para relacionar a teoria com a realidade prática, buscou-se apontar elementos do Distributismo e do Associativismo através do caso das duas associações de produtores rurais estudadas.

3.1 ÁREA DE ESTUDO

Santa Rosa de Lima é um município do Sul do estado de Santa Catarina, localizada na região natural conhecida como Encostas da Serra Geral. Segundo Andrade (2003 apud GELBCKE, 2006), Santa Rosa de Lima faz parte da microrregião de Tubarão, distante 120 km da capital Florianópolis. A região onde se localiza o município é rica em recursos hídricos, possuindo cachoeiras e fontes de água mineral GELBCKE (2006). Segundo GUZZATTI (2010, p. 89), “Há aproveitamento de água mineral termal no Município, estando a fonte situada na comunidade de Águas Mornas”. O município localiza-se numa altitude média de 240 metros, de acordo com Gelbcke (2006, p. 70), “o relevo caracteriza-se por ser ondulado e montanhoso, com altitudes variando de 200 a 1600 metros”.

O município recebeu este nome inspirado numa imagem da santa católica que leva o mesmo nome e que foi doada pelas famílias que construíram a primeira capela em 1919, sendo escolhida também como padroeira da cidade. Os primeiros moradores na localidade foram os açorianos e alemães, sendo que a partir de 1920 houve a predominância dos alemães. A emancipação de Santa Rosa de Lima ocorreu no dia 10 de maio de 1962 pela lei de criação n.º 823 (IBGE, 2017).

O município de Santa Rosa de Lima tem uma área de 203 km² e uma população estimada em 2019 de 2.142 habitantes (IBGE). O último Censo de 2010 apontou que o município tinha 2.065 habitantes, sendo que destes, 518 (25%) vivendo na área urbana e 1.547 (75%) na área rural, e uma densidade demográfica de 10,22 habitantes/km². A atividade econômica de Santa Rosa de Lima é baseada principalmente no setor primário, tendo como destaque na agricultura a produção de hortaliças, legumes e fumo. Na pecuária destacam-se a pecuária leiteira e de corte. O município também possui pequenas indústrias, destacando-se na área de laticínios e madeireiro. Atividades dos setores de comércio e serviços são desenvolvidas essencialmente por empreendedores locais. Nos últimos anos, Santa Rosa de Lima tem se destacado no turismo rural e na produção de alimentos orgânicos, tanto que recebeu o título de Capital Catarinense da Agroecologia (PREFEITURA DE SANTA ROSA DE LIMA). De acordo com IBGE (2017), as atividades agropecuárias são praticadas em 449 estabelecimentos agropecuários, sendo predominantes pequenas propriedades rurais caracterizadas pelo modelo familiar de produção conforme informação da Prefeitura Municipal de Santa Rosa de Lima. Segundo Gelbcke (2006), 69,3% das propriedades rurais do município possuem menos de 50 ha, e 38,3% das propriedades rurais possuem uma área de 20 a menos de 50 ha.

A agricultura de Santa Rosa de Lima era caracterizada pela diversificação de cultivos de vegetais e criação de animais com a finalidade principal de subsistência familiar. Este modelo de agricultura foi afetado a partir dos anos 1960 pela integração agroindustrial da cultura do fumo, trazendo novos insumos e sendo a principal fonte de renda de grande parte das famílias do município. A crise deste modelo de agricultura teve como consequência um processo de êxodo social no município, processo este que era percebido pelos seus habitantes (BRDE, 2004). A partir da década de 1980, segundo Guzzatti (2010, p. 106), “algumas das pessoas que haviam saído das Encostas da Serra Geral começaram a se dar conta de que

era necessário contribuir de alguma forma com aquelas que lá haviam permanecido”. Diante deste cenário, “a necessidade de se estabelecer novas formas de reprodução da agricultura familiar era evidente diante da crise instaurada na região” (GELBCKE, 2006, p. 76). Em 1991 houve um importante evento e que seria um marco em Santa Rosa de Lima que foi a realização da festa típica alemã *Gemüse Fest*. O objetivo desta festa, conforme BRDE (2004), Gelbcke (2006) e Prezotto (2010), foi de “(re) aproximar os que saíram” para outros municípios (para a cidade) e os que “ficaram” (em Santa Rosa de Lima, no campo). Neste evento afirma Gelbcke (2006, p. 76), “nasceu a ideia de desenvolver um projeto capaz de dinamizar a economia local e criar novas oportunidades para os agricultores”. Sobre o impacto da *Gemüse Fest* no município, Guzzatti (2010) destaca que o espírito de solidariedade foi reforçado pela realização dessa festa e segundo Prezotto (2010) a partir deste evento foram acontecendo reuniões e parcerias foram sendo criadas e fortalecidas.

No ano 1996 um empresário natural de Santa Rosa de Lima que atuava no setor supermercadista em Florianópolis viu na produção de alimentos orgânicos uma oportunidade de mercado e fez uma proposta aos produtores da sua terra natal de “disponibilizar um espaço físico diferenciado no interior de suas lojas e de adquirir toda a produção dos agricultores, e comercializar com outros mercados os eventuais excedentes de produção” (GELBCKE, 2006, p. 76). Vale salientar que este mesmo empresário participou na organização da *Gemüse Fest* (GUZZATTI, 2010). Este desafio de produzir alimentos orgânicos foi aceito por um pequeno grupo de agricultores e o projeto teve importante parceria de professores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), do Centro de Estudos e Promoção da Agricultura em Grupo (CEPAGRO), da Empresa de Pesquisa Agrícola e de Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) e do poder público local (PREZOTTO, 2010). Conforme a trajetória descrita por BRDE (2004), Gelbcke (2006), Guzzatti (2010) e Prezotto (2010), foi em dezembro de 1996 que doze famílias envolvidas neste projeto realizaram a assembleia geral que resultou na fundação da Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO). A partir da AGRECO, outras formas de organização social foram surgindo, dentre elas, a Associação de Agroturismo Ecológico Acolhida na Colônia, fundada em 1999. Estas duas associações de pequenos produtores rurais serão especificamente tratadas pelo presente trabalho.

3.2 AS ASSOCIAÇÕES AGRECO E ACOLHIDA NA COLÔNIA

A Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO) é uma associação de produtores rurais que produzem alimentos orgânicos. Foi fundada no dia 27 de dezembro de 1996 pela iniciativa de 12 famílias de pequenos produtores rurais, que definiram em assembleia o estatuto e os princípios que norteariam a associação. Em 1997 a AGRECO já contava com 20 famílias de agricultores, totalizando cerca de 50 associados, número que subiu em 1998, tendo cerca de 50 famílias e 200 associados. A produção de alimentos orgânicos tem sido a base da associação desde a sua fundação, sendo que os seus dois primeiros anos serviram para consolidar o sistema agroecológico de produção. Em 1999 após a Assembleia Geral houve um considerável aumento no número no quadro associativo, chegando a cerca de 500 associados, aproximadamente 200 famílias de pequenos agricultores. Este crescimento não foi apenas numérico como também espacial, além de Santa Rosa de Lima, estavam inseridos agricultores dos municípios de Rio Fortuna, Anitápolis, Gravatal, São Martinho, Grão Pará e Armazém. É importante destacar que durante a sua trajetória a AGRECO contou com o apoio de entidades parceiras como a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, do Centro de Estudos e Promoção da Agricultura em Grupo (CEPAGRO), da Empresa de Pesquisa Agrícola e de Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) e do poder público local. A adoção do Projeto Intermunicipal de Agroindústrias Modulares em Rede, agregado ao financiamento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) foi fundamental no crescimento numérico e espacial da associação em 1999. O projeto tinha por objetivo de implantar 53 pequenas agroindústrias e fomentar o desenvolvimento solidário através da agregação de valor aos produtos oriundos da agricultura familiar e pela geração de oportunidades de trabalho e renda. De acordo com Guzzatti (2010), foram implantadas 29 das 53 agroindústrias previstas no projeto, sendo que 14 localizadas em Santa Rosa de Lima, abrangendo os setores de processamento de hortaliças, processamento de derivados de suíno, apicultura, derivados de cana-de-açúcar, laticínio, conserva de legumes, abatedouro de pequenos animais, beneficiamento de ovos e macarrão. Conforme Guzzatti (2010), em 2010 das 29 agroindústrias criadas apenas sete encontravam-se em atividade e cinco não forneciam mais para a AGRECO.

Atualmente faz parte da AGRECO mais de 100 famílias associadas, tendo a produção estruturada numa rede de agroindústrias de pequeno porte. De acordo com Prezotto (2010, p. 22), a rede de agroindústrias da AGRECO é composta “pela organização das famílias em pequenos grupos, cada um deles constituindo um condomínio. Cada condomínio é proprietário de uma agroindústria”. O processamento dos alimentos produzidos é um meio positivo para o produtor associado, pois agrega valor ao seu produto e permite o armazenamento para a comercialização. No seu catálogo tem mais de 65 produtos orgânicos, divididos nas seguintes categorias: Açúcar e melado de cana, doces e geleias, sucos, mel, atomatados, conservas e frango; além das linhas institucional e alimentos prontos para servir. A matéria-prima para os produtos comercializados pela AGRECO são fornecidos pelos produtores rurais associados, produzidos de acordo com os princípios da agroecologia. Toda produção e processamento dos produtos da AGRECO tem certificação orgânica pela Ecocert, organismo internacional de inspeção e certificação de orgânicos. Seus principais pontos de vendas conforme Prezotto (2010) são feiras locais, supermercados, pequenos mercados e mercearias locais, institucionais como Alimentação Escolar Estadual e nas próprias unidades.

Com o passar do tempo, o desenvolvimento da AGRECO serviu como incentivo e influência para que surgissem outras formas de organizações associativas, servindo como um meio de desenvolver alternativas que complementassem a produção, beneficiamento e comercialização de alimentos orgânicos:

- Cooperativa de Crédito Rural (Credicolônia). Foi fundada em 1999 por 22 associados de Santa Rosa de Lima, Anitápolis e Rio Fortuna com o objetivo de democratizar o acesso ao crédito. Atualmente é filiada ao Sistema de Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária – Sistema Cresol e oferece os serviços deste sistema. Em 2003 a razão social da cooperativa foi rebatizada para Cresol Santa Rosa de Lima e atualmente se chama Cresol Encostas da Serra Geral.

- Fórum de Desenvolvimento dos Pequenos Municípios das Encostas da Serra Geral. Foi fundada em 1999 por representantes do poder público e da sociedade civil dos municípios de Santa Rosa de Lima, Rancho Queimado, Anitápolis, Rio Fortuna, Gravatal, Grão Pará e São Martinho com o objetivo de auxiliar na articulação e construção de alternativas aos pequenos municípios com população predominantemente rural.

- Cooperativa de Profissionais em Desenvolvimento Sustentável das Encostas da Serra Geral – ALIAR. Foi fundada em 2001 por cerca de 40 profissionais que atuam na região, prestando serviços para entidades públicas e privadas que atuam no desenvolvimento local. A cooperativa é baseada nos seguintes princípios:

- Compromisso com princípios ecológicos, a sustentabilidade econômica, social, política e ambiental, de todas as atividades que estiver envolvida;
 - Valorização da identidade cultural da região;
 - Busca da competitividade a partir da cooperação, solidariedade e do espírito inovador e empreendedor de seus/suas associados/as;
 - Construção de relações interinstitucionais baseadas em parcerias e no estabelecimento de redes;
 - Preocupação com a saúde, educação, lazer, cultura e qualidade de vida dos/as associados/as, parceiros/as e clientes;
 - Contribuir para o exercício da cidadania de seus/suas associados/as e clientes.
- (ALIAR apud BRDE, 2004, p. 40).

- Ecovilas. São condomínios ecológicos e teve o primeiro condomínio fundado em 2002. A finalidade destes condomínios, conforme Guzzatti (2010, p. 115), “buscam aproximar pessoas do meio rural e do meio urbano, com o objetivo de preservar áreas estratégicas em termos ecológicos nas Encostas da Serra Geral”.

- Centro de Formação das Encostas da Serra Geral. Foi fundado em 2003 e tem por finalidade “a capacitação de pessoas para o exercício pleno da cidadania e para a promoção do desenvolvimento sustentável” (BRDE 2004, p. 40).

- Agência de Desenvolvimento das Encostas da Serra Geral (ADS). Fundada em 2004, foi uma associação de instituições públicas com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável da região das Encostas da Serra Geral de Santa Catarina.

- Cooperativa dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (Cooperagreco). Fundada em 2009 com a finalidade de comercializar os produtos do AGRECO, tornado-se o braço comercial da associação. Conforme Prezotto (2010), são associados da cooperativa todos os produtores rurais que fazem parte dos condomínios que compõem a rede de agroindústrias.

- Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia. Fundada em 1999 com o objetivo de fomentar o agroturismo na região e que terá uma análise maior pelo presente trabalho.

Por causa da AGRECO a região passou a ter um fluxo de pessoas (técnicos, agricultores e consumidores) interessadas pelos produtos orgânicos e pela

experiência da agroecologia praticada no local. Este movimento despertou o interesse pelo turismo como uma nova oportunidade de renda para os agricultores que produziam orgânicos na região. O incentivo foi dado através de um projeto da CEPAGRO de apoio ao agroturismo que envolveu agricultores ligados à AGRECO, Ministério do Desenvolvimento Agrário e a *Accueil Paysan*, uma associação francesa de agroturismo. A partir deste processo de articulação foi amadurecendo a ideia de implantação do agroturismo na região das Encostas da Serra Geral, processo este que culminou em junho de 1999 na fundação da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia, sediada em Santa Rosa de Lima. De acordo com Gelbcke (2006, p. 82), “A construção desse processo teve participação efetiva dos agricultores, e se dividiu nas seguintes etapas: mobilização/sensibilização; associativismo; diagnóstico participativo; capacitações”.

A Acolhida na Colônia tem formalizada uma parceria com a associação francesa *Accueil Paysan*. A associação francesa serviu de inspiração e modelo para a Acolhida da Colônia, tanto na formação do seu estatuto quanto na adoção dos mesmos princípios de agroturismo. Esta parceria além do apoio técnico inicial propicia à Acolhida na Colônia utilizar a mesma marca da *Accueil Paysan* e fazer parte de uma rede internacional de agroturismo, havendo um incentivo por parte da associação francesa para a vinda de turistas estrangeiros à região das Encostas das Serras Gerais. É importante ressaltar que o agroturismo é uma modalidade que tem como princípio complementar as atividades agrícolas na propriedade e não deve substituí-las. As hospedagens devem ser feitas em habitações na propriedade adaptadas para o serviço de agroturismo, havendo uma troca de experiências entre os agricultores familiares (que mostram o seu trabalho e o meio onde vivem) e os visitantes. Esta é uma forma de valorizar as atividades, meio ambiente, história, estilo de vida e cultura local, contribuindo para a melhoria de vida dos agricultores associados e conseqüentemente as suas permanências no meio rural. A parceria entre as propriedades dos diferentes municípios propiciou a criação de rotas de agroturismo.

Com o passar do tempo a associação passou por um processo de expansão, capacitando, certificando e agregando novos agricultores e municípios; e a partir da Acolhida da Colônia das Encostas das Serras Gerais surgiram novas associações de agroturismo que integram a rede Acolhida na Colônia: Encantos do Quiriri, Grande Florianópolis, Vale dos Imigrantes, Regional de Ibirama, Regional de

Ituporanga e Serra Catarinense; todas de Santa Catarina, e também tem como integrante o município de Casimiro de Abreu no estado do Rio de Janeiro. Ao todo 23 municípios estão integrados nos destinos da rede. Atualmente a Acolhida na Colônia das Encostas das Serras Gerais abrange os seguintes municípios: Santa Rosa de Lima (sede), Anitápolis, Grão Pará, Gravatal, Imbituba, Rancho Queimado e São Bonifácio. Em Santa Rosa de Lima 13 famílias de pequenos agricultores fazem parte da associação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como visto anteriormente pelo presente trabalho, o Distributismo tem três pontos básicos: O Princípio da Propriedade Privada, o Princípio Subsidiariedade e o Princípio da Solidariedade. A liberdade e a propriedade são pontos centrais defendidos pelos distributistas. O Distributismo defende a pequena propriedade rural, a cooperação entre os pequenos produtores, pequenas corporações, associações e cooperativas. No apoio à cooperação entre os pequenos proprietários e associações, é percebido pontos em comum entre o Distributismo e o Associativismo. Analisando as características, objetivos e princípios do associativismo apresentados pelo presente trabalho, nota-se que em ambos os modelos têm como valores a liberdade, a solidariedade, a busca de um bem comum, o bem da comunidade local e possuem fundamentos teórico e filosófico visando benefícios aos pequenos negócios, ou seja, aos pequenos produtores e comerciantes. Vale salientar que são distintos quanto às suas categorias, pois o Distributismo é uma teoria econômica e social, enquanto o Associativismo é uma ação coletiva, mesmo assim, convergem em muitos pontos. Numa associação de pequenos produtores rurais encontramos propostas tanto do Distributismo quanto do Associativismo atuando em sinergia, e para melhor exemplificar isto, o caso das duas associações do município de Santa Rosa de Lima serve como modelo.

Mesmo sendo separadas, é preciso destacar a importância da AGRECO na criação da Acolhida da Colônia, pois foram as ações pioneiras da AGRECO que propiciaram um ambiente de cooperação entre os pequenos produtores rurais e demais atores envolvidos em Santa Rosa de Lima, nascendo neste processo a Acolhida da Colônia e demais organizações associativas. A solidariedade, princípio tanto do Distributismo quanto do Associativismo, é um importante elemento neste processo. Foi o espírito solidário após a realização da *Gemüse Fest* que resultou na criação da AGRECO, e posteriormente na criação da Acolhida na Colônia, como destaca Guzzatti (2003 apud GELBCKE, 2006, p. 83), “o agroturismo foi desenvolvido dentro de uma perspectiva solidária, tanto entre os agricultores como entre as diversas propriedades rurais”.

O Distributismo defende a pequena propriedade rural, e podemos observar nos produtores rurais de Santa Rosa de Lima, onde predomina o modelo familiar de produção agrícola, o princípio do Distributismo da propriedade privada, onde cada

família é dona do seu lar e do seu meio de produção, realizando suas atividades em pequenas propriedades. O modelo de condomínios que compõem a rede da AGRECO, onde cada condomínio – que é composto por um grupo de pequenos agricultores - é proprietário de uma agroindústria que processa os seus produtos, lembra a cooperação entre pequenos agricultores na gestão de determinados implementos que é defendida pelos distributistas. As associações e cooperativas de pequenos agricultores, comerciantes e trabalhadores que o Distributismo apoia são vistas formalizadas em Santa Rosa de Lima pela AGRECO, Acolhida na Colônia e demais entidades associativas como as cooperativas de crédito Credicolônia e de trabalhadores ALIAR. A atuação destas associações livres assumindo funções concretas na ordem econômica e pública no município de Santa Rosa de Lima pode ser comparada com o que é defendido pelo Princípio da Subsidiariedade.

O sentido de uma ação coletiva, seja uma associação ou cooperativa, é resolver uma necessidade em comum dos participantes que se uniram em prol deste objetivo. O Associativismo no processo que resultou na criação da AGRECO e posteriormente na Acolhida na Colônia em Santa Rosa de Lima, de acordo com Gelbcke (2006, p. 83) “foi fundamental, tanto para reforçar a importância da parceria entre as propriedades (complementaridade de atividades), como com os demais projetos em andamento na região”. Pelo fato da AGRECO e Acolhida na Colônia serem duas associações, é perceptível elementos do associativismo nestas organizações. Ambas são entidades de direito privado que foram criadas por pessoas com objetivos comuns, visando criar alternativas para a situação em que se vivia o meio rural do município e melhorar a qualidade de vida dos seus associados. O tripé agroecologia, agroindústria familiar e agroturismo fomentados pelas ações destas duas associações contribuem para o desenvolvimento local, sendo este um dos objetivos do associativismo. Uma característica das associações é de que estas não realizam atividade comercial. Baseado nisto, para a comercialização dos seus produtos e serviços a AGRECO fundou a cooperativa Cooperagreco em 2009 e a Acolhida na Colônia criou uma microempresa em 2005.

5 CONCLUSÃO

Os princípios do Distributismo e do Associativismo, atuando de forma conjunta ou isolada, tem aplicabilidade prática e são uma realidade no meio rural, contribuindo para que os pequenos produtores rurais tenham melhores condições de atuar num mercado altamente competitivo, perseverando em suas atividades.

Mesmo não sendo uma teoria econômica tão conhecida como outras escolas de pensamento econômico, é possível encontrar elementos que o Distributismo defende sendo aplicados na prática, e muitas vezes, em sinergia com os princípios do Associativismo.

A ação coletiva no meio rural tem sido uma forma dos pequenos produtores unirem forças em torno de um objetivo em comum.

As pequenas propriedades rurais organizadas de modo familiar são uma realidade pelo interior do país, como demonstrado no município catarinense de Santa Rosa de Lima.

O espírito de solidariedade e cooperação que nasceu em Santa Rosa de Lima se materializou em iniciativas pioneiras na região, formalizadas primeiramente na Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO) e posteriormente em outras entidades associativas como a Associação de Agroturismo Ecológico Acolhida na Colônia, melhorando a qualidade de vida dos seus associados e contribuindo para o desenvolvimento local.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. S. Manifesto Distributista - O Distributismo Como Filosofia da Ação Prática. **Revista de Geopolítica**, Natal, v.10, nº 1, p. 60-74, jan./jun. de 2019.

ALVES, I. C. P.; TEIXEIRA, S. M. S.; PEREIRA, F. B. A. Associativismo: Abordagem teórica e seus princípios. **Jornada de Iniciação Científica e Extensão. IFTO**, Paraíso do Tocantins, 2017.

ARAGÃO, J. W. M.; MENDES NETA, M. A. H. **Metodologia Científica**. Salvador: UFBA, 2017.

ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES ECOLÓGICOS DAS ENCOSTAS DA SERRA GERAL (AGRECO) <<http://www.agreco.com.br>>. Acesso em 30 de agosto de 2019.

ASSOCIAÇÃO DE AGROTURISMO ECOLÓGICO <<https://acolhida.com.br>>. Acesso em: 30 de agosto de 2019.

BANCO REGIONAL DO DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL (BRDE) **Redes de Agroindústrias de Pequeno Porte: Experiências em Santa Catarina**. Florianópolis: 2004.

BATTISTI, L. O. **Agroecologia e Distributismo – Análise de Sistemas de Base Ecológica na Região Central do Rio Grande do Sul**. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

BELLOC, H. **An Essay on the Restoration of Property**. Norfolk: IHS Press, 2002 [1936].

BELLOC, H. **O Estado Servil**. Curitiba: Editora Danúbio, 2017 [1913].

CAMPOS, L. F.; LAGO, S. M. S. As ações coletivas sob forma de cooperativas e a relevância na cadeia produtiva da soja no Paraná. **Economia & Região**, Londrina, v.4, n.2, p.61-84, jul/dez, 2016.

CASTAÑO, D. S. **Gilbert Keith Chesterton y el distributismo inglés en el primer tercio del siglo XX**. Madrid: Fundación Universitaria Española, 2005.

CHESTERTON, G. K. **O que há de errado com o mundo**. Campinas: CEDET, 2013 [1910].

CHESTERTON, G. K. **Um Esboço de Sanidade – Pequeno Manual do Distributismo**. Campinas: CEDET, 2016 [1927].

CHESTERTON, G. K. **Why I am not a Socialist**. The New Age, 1908. Disponível em: <<http://chestertonwritings.blogspot.com/2012/08/why-i-am-not-socialist-january-04-1908.html>>. Acesso em: 28 de setembro de 2019.

CORÇÃO, G. **Três Alqueires e Uma Vaca**. Rio de Janeiro: Agir, 1955.

DE LEÓN, D. P. J. **Sobre el Distributismo**. The Distributist Review, 2010. Disponível em: < <https://distributistreview.com/sobre-el-distributismo/>>. Acesso em: 21 de setembro de 2019.

GELBCKE, D. L. **Agroturismo e Produção do Espaço nas Encostas da Serra Geral: entre a idéia e a prática**. 2006. 186 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GUZZATTI, T. **O Agroturismo como elemento dinamizador na construção de territórios rurais: O caso da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia em Santa Rosa de Lima (SC)**. 2010. 281 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/santa-rosa-de-lima/panorama>>. Acesso em: 18 de outubro de 2019.

LEÃO XIII **Rerum Novarum**. Carta Encíclica do Sumo Pontífice Papa Leão XIII. Vaticano, 1891.

MANÇANO, R. V. **O associativismo como fator de desenvolvimento econômico local: Estudo de caso da Associação de Produtores de Corumbataí do Sul**. 26 f. Monografia (especialização em Desenvolvimento Econômico) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA) **Como Criar e Administrar Associações de Produtores Rurais – Manual de Orientação**. Brasília: 2009.

MUENCHEN, J. V. **O planejamento e o controle da produção em associações de pequenos produtores**. 1996. 109 f. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 1996.

NASCIMENTO, R. R. **Hilaire Belloc e o Distributismo: um estudo sobre a teoria econômica formulada pelo historiador francês a partir de sua crítica ao capitalismo (século XX)**. In: XVII ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO. 2016, Nova Iguaçu, Anais... Nova Iguaçu: UFRRJ – Instituto Multidisciplinar, 2016.

PEREIRA, A. S.; SHITSUKA, D. M.; PARREIRA, F. J.; SHITSUKA, R. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Santa Maria: UFSM, 2018.

PIO XI **Quadragesimo Anno**. Carta Encíclica do Sumo Pontífice Papa Pio XI. Vaticano, 1931.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA ROSA DE LIMA <
<https://www.santarosadelima.sc.gov.br/municipio/index/codMapaltem/16254>>
Acesso dia 23 de agosto de 2019.

PREZOTTO, L. L. **Experiência da Rede Agreco de Agroindústrias da Agricultura Familiar**. Programa de Agroindustrialização da Produção da Agricultura Familiar Brasília: 2010.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

RIBEIRO, A. R.; CARVALHO, R. S.; OREIRO, J. L. A Doutrina Social da Igreja Católica, o novo desenvolvimentismo e a economia social de mercado: diálogos possíveis? **Revista de Economia Política**, São Paulo, vol. 39, nº 4 (157), p. 710-735, out./dez. 2019.

ROSSONI, E. **O associativismo como estratégia de fortalecimento e desenvolvimento da agricultura familiar no município de Catanduvas – SC**. 22 f. Trabalho de Conclusão (especialização) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

TIERLING, I. M. B. M.; SCHMIDT, C. M. Ação Coletiva e Criação de Valor: Um Estudo na Associação de Produtores de Corumbataí do Sul (PR). **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Rural**, Taubaté, v. 13, n. 2, p. 3-25, mai./ago. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM) **Associativismo**. Santa Maria: Incubadora Social, UFSM, 2015.